

POLÍTICA OPERÁRIA

O QUE É PRECISO PARA OS SINDICATOS SERVIREM À LUTA DOS TRABALHADORES?

Tem crescido a desconfiança dos assalariados diante dos sindicatos que não organizam as lutas pelos salários, empregos e direitos trabalhistas. É o que explica a queda do número de filiados. Os trabalhadores precisam entender que a responsabilidade não é dos sindicatos, mas sim de suas direções corrompidas, carreiristas e vendidas ao patronato. Deixar de participar nas atividades sindicais e não se filiar ao sindicato não resolvem o problema. Ao contrário, favorece a permanência da direção traidora dos interesses da classe operária.

A resposta correta é a de constituir a oposição classista e revolucionária. O Nossa Classe trabalha nesse sentido. Entre os meses de julho e outubro se realizam os Congressos das centrais sindicais. Ocorreu, inclusive, o Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Esses Congressos não servem à defesa do programa próprio de reivindicações dos trabalhadores, porque estão subordinados ao governo Lula. Sem independência política diante de qualquer governo burguês, as organizações operárias deixam de convocar as assembleias e organizar as greves, que são o único caminho capaz de impor ao patronato e o governo as reivindicações.

O Boletim Nossa Classe vem lutando no interior dos sindicatos para constituir novas direções classistas e combativas. Nos Congressos, seus delegados lutam por um programa de reivindicações, de independência dos sindicatos e de recuperação da democracia operária. Companheiro operário participe e apoie a luta do Boletim Nossa Classe! ■

Campanha salarial

Lutar por um salário, que seja suficiente para manter os trabalhadores e suas famílias

A campanha salarial é o momento que nós trabalhadores devemos usar para exigir a reposição salarial. Os patrões, como temos visto, só concordam com o reajuste pelo índice da inflação. O que não tem passado de 6%. Mas, para a grande maioria dos trabalhadores, o que tem pesado é o custo de vida (preço dos produtos básicos: arroz, feijão, carne, ovos, leite, frutas e verduras; e o valor do aluguel, da água, da luz e do transporte coletivo e dos remédios). No passado, as direções sindicais defendiam o cálculo do Dieese, como salário mínimo necessário para manter uma família de 4 pessoas, hoje de R\$ 6.580,00. Agora, abandonaram essa reivindicação e se conformaram com o salário mínimo de R\$ 1.320,00, decretado por Lula.

O Boletim Nossa Classe luta por um salário mínimo vital, calculado pelos operários em suas assembleias, que sirva de base para toda campanha salarial, seja metalúrgico, químico, construção civil, têxtil. Juntamente com o salário mínimo, há outra reivindicação muito importante, que é o reajuste automático: subiu o custo de vida, automaticamente os salários são corrigidos. Isso damos o nome de escala móvel de reajuste.



Para uma campanha salarial de verdade é preciso unificá-la. Chega de divisão! Chega de faz de conta!

A FEM-CUT - Federação Estadual dos Metalúrgicos - entregou no dia 6 de julho, a pauta da campanha salarial 2023, para as bancadas patronais.

O primeiro erro da direção sindical foi ter dividido os metalúrgicos do ABC em vários grupos e negociar de forma separada, com cada bancada patronal. A divisão só interessa aos patrões. A força da classe operária, está na sua luta unificada.

O segundo erro foi não ter apresentado na pauta um índice, um valor de piso salarial a ser reivindicado dos patrões. Na pauta econômica, a direção colocou apenas, de forma genérica, a proposta de reposição da inflação, aumento real e valorização dos pisos salariais.

E o terceiro erro foi levar a pauta de reivindicações para o patronato sem iniciar a organização da luta para conquistá-la. Isso não tem nada de novidade. Todo ano é a mesma história. A direção pelega não leva a reivindicação do índice para corrigir o piso e depois traz para as assembleias um reajuste muito abaixo do custo de vida. Não podemos esquecer que o piso médio dos metalúrgicos, na maioria dos grupos, é de R\$ 1900,00. Portanto, alguns trocados a mais do salário mínimo de fome decretado por Lula.

O Boletim Nossa Classe defende que os sindicatos convoquem assembleias gerais em todos os setores, aprovelem uma pauta única de reivindicações, unifique a classe operária para impor aos patrões, por meio da greve, da ação direta coletiva, um salário mínimo vital, a redução da jornada sem redução dos salários, para que haja emprego a todos. Nessa campanha, é fundamental que as assembleias aprovelem o combate pela revogação das reformas trabalhista, previdenciária e a lei da terceirização. Sem luta unitária, não era possível derrotar essas contrarreformas, que vêm golpeando a classe operária e demais trabalhadores. ■

MERCEDES-BENZ - TERCEIRIZADOS REVOLTADOS COM OS BAIXOS SALÁRIOS PERGUNTAM: CADÊ A DIREÇÃO DO SINDICATO?

Durante a entrega do Boletim Nossa Classe na Mercedes, os terceirizados da empresa SeSe, contratados para fazer o trabalho de logística, informaram que estão sendo demitidos. Outros, denunciaram que ganham um salário de R\$ 1.900,00), trabalham 9hs:15min por dia, e dois sábados por mês, e perguntaram “cadê a direção do sindicato?”. Outros dizem “não conseguimos viver com esse salário de miséria, essa terceirização está nos matando”.

Em lugar de organizar a luta para reduzir a jornada de trabalho, sem redução dos salários, para gerar mais empregos, a direção dos metalúrgicos está negociando acordos, que permitem a Mercedes e demais montadoras aumentarem a jornada de trabalho e reduzir o piso salarial dos metalúrgicos. Quando os trabalhadores terceirizados procu-

ram o sindicato dos metalúrgicos para denunciar os problemas, esses traidores lavam as mãos, dizendo que tudo está no acordo, que eles nada podem fazer. O sindicato dos terceiros, por sua vez, é fantasma. Sua direção não aparece no chão de fábrica, só querem o dinheiro da mensalidade.

O Boletim Nossa Classe trabalha pela efetivação dos terceirizados. Denunciou o acordo do sindicato com a Mercedes, que causou demissões e impôs a terceirização. E defende que sem a organização de uma oposição sindical classista e de luta não será possível expulsar a burocracia que se apossou do sindicato, que não faz outra coisa senão acordos que favorecem os capitalistas e penalizam ainda mais os operários.

Não à privatização da Sabesp, do metrô, CPTM e do Porto de Santos!

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas declarou que pretende privatizar todas as empresas estatais. Já está negociando a venda da Sabesp, do metrô, trens e portos, para empresas privadas. Com a privatização virá o aumento de preços da água, das passagens, produtos e serviços prestados à população. Como sabemos, os empresários só pensam em aumentar seus lucros. Por isso, a primeira coisa que eles farão é aumentar o preço da tarifa de água e o preço das passagens. Os empresários não querem nem saber, se os trabalhadores e a população po-

dem, podem ou não pagar o preço da tarifa de água, ou da passagem cara. A política de privatização, não é apenas do Tarcísio em São Paulo. Em Pernambuco, os trabalhadores do metrô e rodoviários fizeram uma greve contra a privatização do metrô e por aumento de salários. O governo burguês de Lula, através do BNDES, está financiando as PPP's – parceria público privadas – que significa entregar para empresas privadas, o controle do sistema de saúde, educação, presídios, transporte etc.

O Nossa Classe, está participando do comitê de luta, contra a privatização, convocado pelo Sintaema e outros sindicatos e movimentos sociais, defendendo que os sindicatos e centrais sindicais convoquem um dia nacional de luta, com paralisações e bloqueios, como preparação de uma greve geral. Constituir comitês de luta nas fábricas, no campo, bairros e escolas, para combater a privatização e defender a estatização, sem indenização, sob controle operário, de todas as empresas privatizadas ou que ameacem fechar ou demitir.

Volkswagen demite Eduardo Marques, trabalhador da Ala 13, lesionado pela empresa, com doença ocupacional e estabilidade no emprego, segundo a convenção coletiva

O companheiro Eduardo enviou ao Boletim Nossa Classe o relato de como foi demitido:

“Meu nome é Eduardo Marques, trabalhador, agora ex-trabalhador da Ala 13, pintura. Estava há mais de 1 ano e 3 meses sem posto de trabalho, a empresa não queria me alocar em um posto compatível, me deixava jogado pra lá e pra cá. Quando abriu o lay-off, me colocaram. Eu estava em casa há dois meses e segunda-feira me ligaram do RH, mandando eu retornar na terça-feira, no meu setor de origem, que o médico iria me alocar na fábrica. Achei estranho, mas fui. Chegando lá terça-feira de manhã, o encarregado me levou até a sala do supervisor Gilmar, extremamente arrogante, só falou “me acompanhe até o RH”. Chegando lá, o Diego do RH me levou para uma sala e falou para mim “desliga seu telefone”. Eu me recusei a desligar e ele falou “então está bem, não desliga. E falou “você está aqui porque está sendo mandado embora por justa-causa”. Eu falei: por que, o que eu fiz? Estou de lay-off. Ele: “o motivo é você ter compartilhado uma foto que estava rodando na fábrica, em um grupo de rede social”. Eu falei: mas, desde quando compartilhar uma foto é crime? E a foto que se referia rodou a fábrica inteira. Era uma foto montagem, zueira de peão. Eu perguntei pra ele: você recebeu a foto? Ele falou: “recebi”. E quem mandou a foto pra você não está aqui por quê? Ele ficou nervoso, não soube responder, e falou “assina aqui pra mim”. Eu falei: não vou assinar, não concordo. Ele falou: “estão tá bom”, e mandou um cara que estava

com ele assinar minha demissão, pediu minha carteirinha e falou “pode ir pra casa”. E aqui estou. Em casa, mandado embora por justa-causa. Uma esposa grávida de seis meses, filho menor, preciso do convênio, tomaram todos os meus direitos, uma injustiça do caramba. Não estou tendo apoio de ninguém. O sindicato se faz de cego, surdo e mudo. Estou aqui, de mãos amarradas. É isso aí”.

Companheiros, o caso do Eduardo não é um fato isolado. A Volks vem demitindo por justa-causa, usando para isso qualquer motivo. Em abril, também demitiu por justa-causa, o companheiro José Parane, que também tinha doença adquirida do trabalho, era um forte crítico dos acordos de demissão e retirada de direitos e apoiou a formação de uma chapa de oposição. A Volks superexplora o operário, e quando adoecem acha um meio para demitir.

A direção do sindicato, por outro lado, não faz nada para combater essa ofensiva patronal. Primeiro, criticava a demissão por justa-causa, mas agora toma como natural. O pior é que sequer convoca os operários para a luta contra essas bárbaras demissões. Trata-se de uma direção incapaz de fortalecer a solidariedade de classe, diante da demissão de um companheiro de fábrica.

O Boletim Nossa Classe faz a campanha pela readmissão de Eduardo Marques, José Parane e tantos outros companheiros vítimas da truculência patronal e de seus capachos do RH, que implementam as demissões.